

OFICINA DE TEATRO EM UM CENTRO DE CONVIVÊNCIA: UMA VIVÊNCIA DE DIÁLOGO SOBRE QUESTÕES SOCIAIS E EMPODERAMENTO DE CRIANÇAS.

Theatre workshop in a Community Center: a dialogue experience about social matters and children empowerment.

Nicole Guimarães Cordone¹

Ellen Cristina Ricci²

Bruno Ferrari Emerich³

Rosana Teresa Onocko Campos⁴

Milena Camargo Barberio⁵

Artigo encaminhado: 15/03/2016

Aceito para publicação: 29/04/2016

RESUMO: Trata-se de relato de experiência sobre uma oficina de teatro e expressão corporal realizada em um Centro de Convivência de Campinas/SP em parceria com uma Organização Não Governamental (ONG) que acolhe crianças e adolescentes de 7 a 14 anos no período de contra-turno escolar. O objetivo da oficina foi propiciar um espaço para desenvolver expressão, criação, integração, acesso à cultura, discussão de diferentes temas, observação, desenvolvimento de senso crítico, entre outros, por meio da experimentação de jogos e exercícios teatrais e de expressão corporal. Foi uma vivência que também contribuiu para promover o debate sobre questões sociais e de discriminação. A partir da apresentação da experiência, busca-se discutir sobre os sentidos que a atividade foi assumindo ao longo do processo, a importância de promover atividades artísticas e culturais na saúde mental e o papel dos Centros de Convivência na promoção de saúde e efetivação da integralidade do cuidado. Conclui-se que a proposição de atividades em saúde mental pode ser muito potente e propiciar para os sujeitos a experimentação de novas possibilidades, criação, expressão, produção de vida, convivência, inserção na rede social, acesso a bens culturais, criação de sentidos, exercício da potência de ação, entre outros.

Palavras-chave: Saúde Mental; Atividades culturais; Terapia Ocupacional e Centro de Convivência.

ABSTRACT: It is a report of an experience about theatre and body language workshop presented in Campinas Community Center in partnership with an ONG that received children and teenagers from 7 to 14 years old during extra-curricular shift. The purpose of the workshop was to provide a space to develop expression, creation, integration, access to culture, discussion of different topics, observation, critical thinking development, among

¹ Terapeuta Ocupacional com especialização pela Residência Multiprofissional em Saúde Mental e Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Campinas. nicole.cordone@hotmail.com

² Doutoranda em Saúde Coletiva pela UNICAMP. Terapeuta Ocupacional/ USP. Mestra pela Faculdade de Ciências Médicas/ Departamento de Saúde Coletiva - Área de concentração: Políticas, Planejamento e Gestão/ Unicamp. Supervisora do segundo ano da Residência Multiprofissional em Saúde Mental/ UNICAMP. ellenricci@gmail.com

³ Doutorando em Saúde Coletiva (UNICAMP), Supervisor do Primeiro Ano do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental (UNICAMP). brunofemerich@gmail.com

⁴ Graduação em Ciências Médicas pela Universidade Nacional de Rosário. Mestra e Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas e livre-docência pela Universidade Estadual de Campinas. rosanaoc@mpc.com.br

⁵ Psicóloga com especialização pela Residência Multiprofissional em Saúde Mental e Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Campinas. barberio_mi@hotmail.com

others, through ludic learning, theatrical performances and body expression. It was an experience that contributed to promote the discussion about social and discrimination matters. From the presentation of the experience, is sought to discuss about the meaning that the activities was taking on during the process, the importance of promoting artistic and cultural activities in mental health and the paper of the community centers in health promotion and effectiveness of comprehensive care. Concludes that the activities proposition mental health can be very powerful and provide the experimentation of new possibilities, creation, expression, production life, coexistence, inclusion in the social network, access to cultural goods, creating senses, exercise of power of action, among others.

Keywords: Mental health; Cultural Activities; Occupational Therapy and Community Center.

1. INTRODUÇÃO

Trata-se de relato de experiência sobre uma oficina de teatro e expressão corporal realizada em um Centro de Convivência de Campinas em parceria com uma Organização Não Governamental (ONG) que acolhe crianças e adolescentes de sete a quatorze anos no período de contraturno escolar. A oficina foi ministrada por uma terapeuta ocupacional e uma psicóloga em formação na Residência Multiprofissional de Saúde Mental da Unicamp. Objetiva-se, a partir da apresentação da experiência, aqui entendida como o que nos acontece, o que nos toca e o modo como lhe atribuímos ou não um sentido (BONDÍA, 2002), discutir sobre a importância da proposição de atividades culturais na saúde mental e o papel dos Centros de Convivência nesse cenário.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO DE ATUAÇÃO

O Centro de Convivência (CECO) onde ocorreu a experiência a ser narrada é um serviço de saúde mental, financiado pela Prefeitura de Campinas e gerenciado pelo convênio com o Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira. É um equipamento do Sistema Único de Saúde que conta com parceria da Proteção Social Básica do Sistema Único da Assistência Social.

Esse serviço foi inaugurado em 1997. O público atendido é heterogêneo no que se referem às condições socioeconômicas, faixas etárias e condições de saúde. Algumas pessoas atendidas possuem transtornos mentais. Trata-se de um CECO que estabelece parceria com a Assistência Social, a Educação e um projeto de alfabetização de jovens e adultos (FERIGATO, 2013).

De acordo com a portaria Nº 3.088 de 23 de Dezembro de 2011, que regulamenta a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), os Centros de Convivência são serviços

estratégicos para inclusão social das pessoas com transtornos mentais e pessoas que fazem uso de álcool e outras drogas, através da construção de espaços de convívio e sustentação das diferenças (BRASIL, 2011).

Embora o CECO esteja descrito na portaria da RAPS como um importante serviço da rede substitutiva, não está regulamentado em uma portaria própria e não há financiamento federal destinado especificamente a esse equipamento, o que inviabiliza sua expansão. É um serviço que “vêm se mantendo ao longo do tempo com poucos investimentos políticos, administrativos e econômicos” (GALETTI, 2015, p.22). Há, portanto, a necessidade de legitimação e construção de políticas públicas que estruturam os Centros de Convivência (ALEIXO, 2015).

A importância desse serviço territorial pode ser afirmada por se tratar de um equipamento que enfrenta a problemática da vulnerabilidade e da desvinculação social, além de fomentar a cidadania e a emancipação dos sujeitos, combater o estigma das pessoas com transtornos mentais, favorecer a construção de redes no território e possibilitar um espaço de experimentação de arte, cultura, educação, economia solidária, lazer e esporte, efetuando assim a transdisciplinariedade (CRP, 2015).

Desse modo, trata-se de um equipamento intersetorial na saúde que realiza práticas que respondem de maneira contra-hegemônica à patologização do sofrimento e da solidão. Tem como função colocar em prática os princípios do SUS de prevenção de doenças, promoção de saúde e integralidade do cuidado (CRP, 2015).

Sobre a estruturação do trabalho desenvolvido pelo CECO, Galetti (2015) expõe que há dois eixos fundamentais: o ceco-serviço, onde são desenvolvidas as oficinas, eventos culturais, atendimentos, entre outros e o ceco projetos-território que são “os projetos que se desdobram do serviço ao território ou o inverso, e que fazem com que tanto o serviço como o território possam se conectar” (GALETTI, 2015, p.21). A oficina de teatro que será relatada neste artigo se relaciona com o eixo projetos-território.

3. O PROCESSO DA OFICINA DE TEATRO E EXPRESSÃO CORPORAL

Durante o trabalho como residentes multiprofissionais no Centro de Convivência tivemos interesse em propor alguma oficina, entendendo que o CECO é um espaço potente para a proposição de atividades diversas. Escolhemos trabalhar com teatro e expressão corporal, pois são linguagens potentes para desenvolver a consciência corporal, expressão, capacidade de criação e observação, integração, acesso a cultura, além de promover a discussão de diferentes temas, o desenvolvimento de senso crítico e trabalhar a

desinibição. De modo geral, as oficinas realizadas em grupo podem ser “lugar de aprendizagem, de produção, de ampliação das relações, de intercâmbio, de mergulho no universo cultural” (LIMA, 2004b, p.16).

Para definir o público alvo conversamos com a equipe do CECO sobre a proposta, expondo o desejo de trabalhar com crianças e adolescentes, pois havia poucas atividades direcionadas a esse público no serviço. A equipe indicou uma ONG do território que recebe crianças em situação de vulnerabilidade no período de contraturno escolar. A ONG se interessou pela proposta e iniciamos a parceria.

A oficina de teatro e expressão corporal foi realizada com crianças e adolescentes de Maio a Dezembro de 2015, semanalmente e com duração de uma hora por encontro. Foi uma oficina aberta, de participação opcional, de modo que a cada oficina novas pessoas entravam e as que já participavam escolhiam se queriam ou não fazer naquele dia. O número médio de participantes por encontro foi de 20 crianças.

O objetivo da oficina foi propiciar um espaço para desenvolver expressão, criação, integração, acesso à cultura, discussão de diferentes temas, desenvolvimento de senso crítico, entre outros, através da experimentação de jogos e exercícios teatrais e de expressão corporal.

Os grupos tinham como dinâmica de funcionamento: iniciavam com uma atividade de ativação, que poderia ser andar pelo espaço de diferentes formas, cantar músicas de roda, brincadeira, dança livre, alongamento e aquecimento, acrobacias de solo, entre outros. Depois era realizada uma atividade de conexão ou para desenvolvimento de alguma habilidade, como jogos de concentração, relaxamento, massagem, exercícios de voz, identificação de emoções, expressão corporal, entre outros. Em seguida era proposto um exercício de criação, tais como: divisão em grupos para criação de cenas com diferentes temas, continuação de histórias, construção de personagens com massa de modelar e materiais recicláveis, uso de objetos para construir cenas, teatro de fantoches, entre outros e, por fim, os grupos apresentavam o que tinham criado conjuntamente.

Durante a realização das oficinas, vivenciamos algumas dificuldades. Frequentemente as crianças estavam agitadas, com dificuldade de concentração nas propostas e algumas apresentavam comportamentos agressivos. Pelo grande número de crianças, tínhamos dificuldades de perceber como cada uma estava se desenvolvendo na oficina. Com o passar do tempo essas dificuldades foram diminuindo, os participantes foram compreendendo com maior clareza os objetivos da oficina e se implicando mais nas atividades. Passamos a conhecer melhor as crianças, o que facilitou os manejos e, de forma

geral, as crianças e adolescentes demonstravam muito interesse, afeto e desejo em estarem na oficina.

Buscamos criar um espaço de relações horizontais, onde as questões pudessem ser discutidas em roda e todos pudessem se expressar e serem valorizados em suas colocações. Além disso, os participantes tinham liberdade de sair da oficina na hora que desejassem.

Frequentemente emergiam problemas de relações e convivência e atitudes em que algumas crianças excluía e ofendiam outras. Isso era trabalhado com elas através de conversa e com a proposição de exercícios de teatro que contribuíssem para essas discussões e reflexões. As situações que emergiam foram dando sentido e direção ao processo grupal. Então, ocorreu um fato que influenciou no desenvolvimento da oficina até o fim do processo.

Em um dos encontros as crianças se dividiram em grupos e criaram histórias que foram apresentadas com fantoches. Esse processo foi muito interessante porque as crianças puderam experimentar diferentes vozes e se mostraram menos tímidas por não terem que se expor corporalmente. Porém, na apresentação do último grupo, foi encenada uma história de um animal que, de acordo com o termo que as crianças usaram, “*tinha cabelo ruim*” e todos os fantoches que estavam na cena começaram a gritar “*cabelo Bombril, cabelo Bombril, cabelo Bombril*”, umas das meninas que estava assistindo essa apresentação e tem cabelo crespo, levantou com raiva e arrancou o pano que cobria as pessoas do grupo.

A partir disso, considerou-se que era necessário debater o tema do racismo com as crianças, pois a discriminação étnica é a raiz da situação ocorrida. As crianças que apresentavam atitudes ofensivas dirigidas às pessoas com cabelo crespo estavam reproduzindo situações que acontecem socialmente. Esse problema ocorria com frequência e, inclusive, uma criança já havia se desligado da ONG por sofrer *bullying* por ter cabelo crespo. É importante sinalizar que a maioria das crianças que participaram da oficina são negras ou pardas.

Então, foram propostas atividades que ampliassem a discussão do tema, fizessem um enfrentamento contra o racismo e valorizassem a beleza negra. Foram realizadas rodas de conversa para debater temas como discriminação, racismo, as diferenças humanas, situações de discriminação vivenciadas pelas crianças em seu cotidiano e formas de lidar com essas situações.

Além disso, foram feitas atividades de contação de histórias do livro “Histórias da Preta” de Heloísa Lima (1998), que discute sobre a identidade afro-brasileira; produção de

cartazes pelas crianças com imagens de pessoas negras (com cabelo *Black Power*, turbantes e tranças); exibição de vídeos sobre o tema (*Mc Sophia, 11 anos - canta rap* direcionado ao empoderamento da criança negra e *clip da Dona Imperatriz - aborda sobre o cabelo crespo e incentiva o uso natural do cabelo*); as crianças foram fotografadas, para a valorização da beleza de cada uma, e todas receberam sua foto revelada e houve um evento de finalização com os pais e/ou familiares dos participantes, nas quais as crianças apresentaram cenas que criaram relacionadas ao tema.

Houve devolutivas de algumas mães e educadoras em relação a mudanças positivas percebidas no desenvolvimento de algumas crianças a partir da participação na oficina. Uma educadora expôs que uma criança que era muito tímida e tinha dificuldade em se colocar, teve um grande avanço nesses aspectos. Em outro relato, uma avó comentou sobre a importância que teve para sua neta o trabalho sobre a questão do cabelo, pois a menina tinha baixa autoestima e se sentia triste por ter cabelo cacheado.



Fotos de alguns cartazes produzidos pelos participantes da Oficina de Teatro e Expressão Corporal.

4. DISCUSSÃO

A partir do relato dessa experiência podemos refletir sobre os sentidos que a atividade foi assumindo ao longo do processo, a importância de promover atividades artísticas e culturais na saúde mental e o papel dos Centros de Convivência nesse cenário.

A atividade proposta, de modo geral, possibilitou que os participantes pudessem se expressar, se desenvolver, interagir, conviver, exercitar a capacidade de criação, explorar o próprio corpo, exercer sua potência de ação e refletir coletivamente sobre problemas sociais. Também foi possível interferir na melhora da autoestima, no empoderamento e na valorização das crianças e adolescentes.

Utiliza-se aqui o conceito de potência de ação baseado na concepção de Espinosa (filósofo do século XVII) que expõe que toda potência é ato, ativa e em ato. O grau de potência, ou seja, a capacidade do ser de perseverar na existência, aumenta ou diminui mediante os encontros que os corpos estabelecem. Quando um corpo encontra outro que o convém e compõem a relação deste com a sua, a capacidade de ser afetado é preenchida por afetos alegres, que acarretam na expansão da potência de agir (DELEUZE, 2002).

Já o termo *empoderamento* é utilizado na concepção de Vasconcelos (2006) que o define como “aumento de poder e autonomia pessoal e coletiva de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos a relações de opressão, dominação e discriminação social” (p.231).

Assim, a atividade permitiu que entrasse em cena, a partir das relações interpessoais construídas, o racismo, arraigado em nossa cultura e reproduzido em ato pelas crianças. Este tema, ao ser trabalhado, abriu palco para ressignificar condutas, e, desse modo, produzir novos encontros. Contribuiu, ainda, para que as crianças se tornassem mais empoderadas, a medida que reconheceram, na relação com o outro, a perpetuação da discriminação racial, as ações opressoras e aquelas que oprimem, para construir uma nova forma de existir enquanto coletivo.

Em relação ao tipo de atividade proposta, Lima (2004b) expõe que “As ferramentas expressivas, verbais, plásticas, corporais, se instalam no cruzamento entre o mundo humano das formas finitas e o mundo trans-humano de virtualidades infinitas, do qual surgem às linhas de fugas, a transformação das formas vigentes, a criação do novo, a arte” (p.14).

As atividades culturais e artísticas são importantes instrumentos de valorização da expressão, de descoberta e ampliação de possibilidades individuais e de diferentes possibilidades de ser, conviver e de acessos aos bens culturais. Essas atividades, que na situação descrita estão alinhadas a prática da Terapia Ocupacional, pode “possibilitar a

cada um a descoberta de uma forma própria de construir sua ação no mundo” (LIMA, 2004, p.47).

Além disso, a proposição de atividades artísticas e culturais na saúde mental pode ampliar as possibilidades do indivíduo, como sujeito protagonista de sua própria história, interferir na qualidade de sua vida mediante o seu fazer. Essas atividades proporcionam, aos sujeitos, novas formas de produzir subjetivação, o que promove novas maneiras de abordar o sofrimento psíquico. O trabalho clínico no campo da saúde mental deve considerar o contexto histórico-social e político em que as pessoas estão inseridas e ter foco no aumento da autonomia (MEDEIROS, 2010). A proposição das oficinas como dispositivo clínico, implica:

pensar uma clínica construtiva e inventiva de novas possibilidades e novas formas de vida. . Uma clínica comprometida com a construção e a produção de uma subjetividade aberta à alteridade; uma clínica sempre atenta àquilo que propicia a criação e potencializa os processos de transformação do cotidiano. Uma clínica que possa ser praticada como um exercício de expansão e aliança sensíveis aos processos de singularização (LIMA, 2004b, p.16).

O teatro, atividade artística aqui relatada, permitiu a criação de cenas, personagens e falas, e com isso ampliou a possibilidade de comunicação entre os participantes, que, através da interpretação, vivenciaram outro modo de expressar-se. A cena da discriminação racial, acima compartilhada, desvendou, a partir da interpretação dos envolvidos, a opressão que muitas crianças sofriam. Através da continuidade do trabalho com o tema, foi possível conduzir as crianças a promover a reflexão sobre o ocorrido, de modo a trazer a possibilidade de subverter a opressão vivenciada. O teatro, portanto, mostrou-se como atividade propulsora de produção de saúde, de ressignificação do sofrimento por eles vivenciado.

É importante que os profissionais tenham abertura para o encontro com as pessoas que utilizam os serviços, percebendo suas potencialidades, diferenças, sofrimentos e as trocas que esse encontro proporciona, em uma perspectiva de ampliação de vida, criação de novos territórios existenciais e construção do comum. Nesse contato através das propostas artísticas e culturais, deve-se investir na “construção de um olhar que possa oferecer acolhimento aos sujeitos em atividade e se deixar afetar por esses sujeitos e por seus fazeres” (Lima, 2004, p. 43).

Em relação ao papel do Centro de Convivência nesse cenário, Ferigato e Carvalho (2013) expõem sobre “a potência intrínseca aos CECOs para a produção de redes de saúde, de intersetorialidade, de criação de laços sociais, de movimentos de empoderamento social e de afirmação das diferenças” (p.359).

É um equipamento que permite flexibilidade às diferentes necessidades e demandas, ressignificando o encontro entre as pessoas, entre elas e a cidade, e possibilitando a recriação das formas de se apropriar do espaço público e ocupá-lo, em uma postura ativa na sua construção. As oficinas oferecidas por profissionais de diferentes saberes e setores podem ser muito potentes para a produção de saúde através de processos de criação (FERIGATO E CARVALHO, 2013).

Campos e Amaral (2007) apontam a produção de saúde como o objetivo primário dos serviços de saúde. Ao discorrerem sobre o conceito de clínica ampliada e compartilhada afirmam sobre a importância de reconstruir-se certo traço artesanal do trabalho clínico para realizar o trabalho em saúde a partir da singularização do atendimento que denota a variedade inata do processo saúde/doença para cada sujeito.

Da mesma forma que os CECOS podem facilitar e ampliar o acesso à rede de saúde, podem também se constituir como “uma linha de fuga desta mesma rede para aqueles que há anos tem seu convívio social restrito aos espaços de tratamento stricto sensu, ou para aqueles que viam sua singularidade aprisionada à um diagnóstico” (FERIGATO E CARVALHO, p.361). O Centro de Convivência, portanto, favorece a construção de uma clínica ampliada.

Além disso, atividades, como a descrita, que promovem o debate relacionado às questões sociais, construídas historicamente, e problematiza situações de discriminação, opressão e desigualdade social, estão em consonância com algumas das diretrizes para o funcionamento da Rede de Atenção Psicossocial, tais como:

respeito aos direitos humanos(...); combate a estigmas e preconceitos; garantia do acesso e da qualidade dos serviços, ofertando cuidado integral e assistência multiprofissional, sob a lógica interdisciplinar; (...) diversificação das estratégias de cuidado; (...) desenvolvimento de atividades no território, que favoreça a inclusão social com vistas à promoção de autonomia e ao exercício da cidadania (...). (BRASIL, 2011, p.2)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Centros de Convivência são equipamentos privilegiados para a produção de direitos humanos e sociais. Isso acontece por serem serviços territoriais, abertos a comunidade, que atendem um público heterogêneo (de diferentes idades, situações de saúde e econômicas) e desenvolvem atividades artísticas, culturais, de lazer, educação, geração de renda, entre outras com o objetivo de promover convivência e interação social. Desse modo são importantes dispositivos para promoção de saúde e prevenção de doenças.

O trabalho desenvolvido nos Centros de Convivência traz a possibilidade de conexão de pessoas não pelas suas patologias, mas pela experimentação da arte, do trabalho e do lazer (GALETTI, 2015). Portanto, esse trabalho, alinhado com uma prática social, deve ter um direcionamento na inclusão do indivíduo em redes de interação social, possibilitando assim, um trabalho de reinserção social e aumento da qualidade de vida.

Dessa forma conclui-se que a proposição de atividades em saúde mental pode ser muito potente e propiciar para os sujeitos a experimentação de novas possibilidades, criação, expressão, produção de vida, convivência, inserção na rede social, acesso a bens culturais, criação de sentidos, exercício da potência de ação, entre outros.

Por isso, é muito importante que as equipes dos serviços de saúde mental reflitam e discutam sobre suas práticas e façam uma análise crítica e clínica acerca dos objetivos, funções e efeitos das proposições artísticas e culturais desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, Juliana Maria Padovan. **“A delicada arte de produzir encontros”** | Encontro Estadual de Centros de Convivência. In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. *Centros de Convivência e Cooperativa..* Cadernos Temáticos CRP SP. São Paulo, 2015. p.9.

BRASIL. Ministério da saúde. **Portaria Nº 3.088**, *Institui a Rede de Atenção Psicossocial*. Brasília, 2011.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Revista Brasileira de Educação*, v.19, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr.2002.

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza; AMARAL, Márcia Aparecida do. **A clínica ampliada e compartilhada, a gestão democrática e redes de atenção como referenciais teórico-operacionais para a reforma do hospital**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.12 n.4, p.849-859, ago. 2007.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. **Centros de Convivência e Cooperativa..** São Paulo: CRP SP, 2015 (Cadernos Temáticos CRP SP).
DELEUZE, Gilles. *Espinosa: Filosofia Prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

FERIGATO, Sabrina Helena. **Cartografia dos Centros de Convivência de Campinas: Produzindo redes de encontros**. 2013. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____; Carvalho, Sérgio Resende. **A Rede de Centros de Convivência no Sus: Linhas de fuga da superfície-tratamento**. *Linha Mestra*, v.23, p359-364, 2013.

GALETTI, Maria Cecília. **Qual o lugar dos Centros de Convivência na Rede Substitutiva**. . In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. *Centros de Convivência e Cooperativa*. Cadernos Temáticos CRP SP. São Paulo, 2015. p.19-22.

LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. **A análise de atividade e a construção do olhar do terapeuta ocupacional**. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 15, n. 2, p. 42-48, maio/ago. 2004.

_____. **Oficinas, Laboratórios, Ateliês, Grupos de Atividades**: Dispositivos para uma clínica atravessada pela criação. In: COSTA, Clarice Moura, FIGUEIREDO, Ana Cristina. *Oficinas Terapêuticas em saúde mental: sujeito, produção e cidadania*. São Paulo: Contra Capa Livraria, Rio de Janeiro, 2004b. p.59-81.

LIMA, Heloísa Pires. **Histórias da Preta**. Companhia das Letrinhas, 1998.

MEDEIROS, Maria Heloisa da Rocha Medeiros. **Terapia Ocupacional**: um enfoque epistemológico e social. São Paulo: Editora Hucitec. EdUFSCAR, 2010.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Reinventando a vida**: Narrativas de recuperação e convivência com o transtorno mental. Rio de Janeiro-São Paulo: Editora Hucitec, 2006.